

Viagem proustiana

Em 'O Professor', Cristovão Tezza cruza memórias de um homem com as do Brasil

ENTREVISTA

CRISTOVÃO TEZZA
ESCRITOR

Ubiratan Brasil

A quantidade de prêmios conquistados com *O Filho Eterno* (2007) tornou Cristovão Tezza uma referência na literatura nacional. E, se para alguns a notoriedade poderia resultar em barreira criativa, para o escritor catarinense parece ter sido um impulso, a julgar por *O Professor*, seu mais recente romance depois de quatro anos sem publicar, que a Record lança neste fim de semana.

Trata-se de um texto proustiano, que narra o fluxo de memória de um filólogo, Heliseu, que, aos 71 anos, prepara-se para receber uma homenagem da universidade onde sempre trabalhou. Enquanto pensa no discurso de agradecimento, ele é assombrado por lembranças nem sempre felizes, desde os casamentos com Mônica e Thérèse até o conturbado relacionamento com o filho homossexual. Dono de uma prosa refinada e precisa, Tezza vai participar do 7º Festival da Mantiqueira, entre 4 e 6 de abril, em São Francisco Xavier. Antes, respondeu por e-mail, pois está na China participando de um evento literário, as seguintes questões.

● **Como foi o trabalho de uma escrita tão refinada?**
Sinto que minha linguagem literária foi amadurecendo em direção a um estilo muito pessoal, marcado principalmente por um narrador "dobrado", que, ao mesmo tempo, está na terceira e na primeira pessoas; sutilmente a frase passa de um ângulo a outro, aqui e ali. E um reflete o outro e sobre o outro – acho que a nossa cabeça fun-

O autor. Livro traz acerto de contas de professor também com o País

ciona assim, e tenho uma certa obsessão pelos nossos modos de apreensão da realidade.

E, na estrutura do livro, *O Professor* tentou combinar um eixo realista, que dá um centro estável à narração, ao caos da memória, mas um caos artificial, organizado quase que em azulejos, pelo narrador. Tudo isso digo agora, mas na verdade escrevi este romance pela intuição e pelo faro. Ele foi avançando até chegar ao fim, sem nenhum esquema prévio além de uma direção – o momento de o professor sair de casa para receber sua homenagem.

É sempre um processo vago o autor avaliar a própria obra, mas eu acho que, depois de meus livros dos anos 80 e 90 (como *Trapo*, *Juliano Pavollini* ou *Uma Noite em Curitiba*), que me garantiram alguma segurança romanesca, fui dando uma guinada reflexiva – a idade pesou, talvez. *Breve Espaço*, de 1998, começou este processo. Em seguida, *O Fotógrafo*,

que é inteiro uma invasão de intimidades. Enfim, *O Filho Eterno*, uma autoinvestigação romanesca. *Um Erro Emocional* foi uma pequena sonata, quase um exercício, mas que me abriu muitos caminhos. De certa forma, me preparei para escrever *O Professor*.

● **O fluxo da memória preenche os espaços vazios. Como foi montar esse puzzle perturbador?**
Pura intuição. Sempre condenei a ideia de uma linguagem que fala sozinha, a metafísica que dominou parte das teorias literárias dos anos 1970 e 80, mas, às vezes, sinto que a linguagem em mim ganhou a parada, vivendo uma estranha autonomia. Basta uma primeira frase no papel, e parece que já não tenho liberdade para escolher a próxima.

Eu me senti um pouco malabarista ao escrever este livro – ao mesmo tempo, precisava manter sempre aceso o eixo narrativo estável, o tempo real

da manhã do professor, e levá-lo a sério no pacto com o leitor; e, neste processo, ia encaixando pedaços da memória, do tempo passado, do tempo presente e da prospecção do futuro, aquilo que nos move adiante, numa lógica aparentemente caótica, mas que obedece a elos sutis entre um momento e outro.

Uma das tarefas da literatura é pôr alguma ordem no caos. Uma tarefa ingrata, mas sem este impulso não se escreve. O interessante neste fluxo da memória é que ele faz com que o leitor invada esse ambiente e seja por ele invadido, deixando-se levar por sua instabilidade.

Eu prezo enormemente a empatia literária. Todo livro é em boa parte uma conversa com o leitor, e uma parcela do olhar crítico na minha geração entendeu que esta empatia necessariamente degrada o texto. Foi a empatia que me fez leitor e escritor. Tenho uma imensa dívida com os grandes

contadores de história, o envolvimento emocional que põe à prova hipóteses da existência, que é o que toda boa ficção faz. É preciso enredar o leitor, mas não como um mero truque narrativo ou repetição de fórmulas; o melhor de tudo aparece quando o leitor sente que o narrador também está enredado na teia em que se mete ao começar seu livro, que ele também tem mais perguntas que respostas. Puxar o leitor reflexivamente para dentro de uma situação romanesca é uma comunhão maravilhosa.

● **É inevitável a lembrança do mar proustiano da memória e da reflexão – seja ao mostrar como a imperfeição da vida (e do tempo, que passa e destrói) é corrigida pela arte, seja ao provar que a matéria factual pode ser, no máximo, ponto de partida para a sua transfiguração em arte.**
O ato de escrever literatura é um gesto arriscado e sem volta, quando realmente mergu-

lhamos nele. Em pouco tempo, escrever deixa de ser uma atividade externa neutra, e o livro apenas um objeto que compomos; mexer com a linguagem acaba por modificar os eixos, as referências, os modelos e as verdades da nossa própria cabeça. Isto é, escrever passa a ser parte integrante e motivadora da vida, e não resultado dela. Súbito aparecem muros intransponíveis de sentido; a linguagem parece terrivelmente incompleta para dar conta do que queremos. E, no entanto, é o que temos. Assim, me agrada esta imagem da "correção" da vida pela arte, que seria o "TOC" de todo escritor, o transtorno obsessivo compulsivo de dar ordem ao caos. A matéria factual é, de fato, apenas o ponto de partida. Mas este "apenas" é imenso, ameaçador, incontornável.

A área da filologia é simbólica neste sentido, até por fazer do arcaico, do antigo, o seu objeto de estudo. Mas é claro que isso não é determinante no livro – são as situações afetivas, amorosas e emocionais dele que estão no centro do romance. E, como milhões e milhões de outros brasileiros, ele simplesmente não foi um ativista.

● Homens antigos como Heliseu estão fadados à extinção no mundo da internet?

Eu não diria isso, pelo menos frisando uma relação mecânica entre o avanço tecnológico que bagunçou o modo de vida e de produção de riqueza da vida contemporânea com o fim de um comportamento cultural ou visão de mundo. Seria otimismo demais.

Heliseu é um conservador problemático, uma cabeça dos anos 1950, que se refugiou no estudo da linguagem, e que viveu, ou revive no romance, uma imensa dificuldade de transformação emocional diante das mudanças práticas de sua vida. A personagem Thérèse, ao entrar em cena, como que desmonta todos seus pressupostos existenciais, a paixão que atropela a ciência.

Heliseu é um homem que, como milhões de pessoas, não conseguiu jamais sair da casca e dos limites de sua própria formação, mas não sei se é exatamente esta a questão central do livro.

Sobre a eventual extinção de Heliseu, é bom lembrar que a espantosa modernidade em que a internet vem nos jogando em muitos aspectos tem revelado, paradoxalmente, um Brasil medonhamente arcaico, violento e conservador – basta ler um blog de comentários qualquer.



NA WEB

Trecho. Leia passagem do livro 'O Professor'

estadao.com.br/etrechoprofessor

* ANÁLISE: João César de Castro Rocha

Olhar deliberadamente anacrônico atravessa texto do autor

O novo romance de Cristovão Tezza, *O Professor*, concentra a narrativa no espaço de poucas horas. Nelas, o professor aposentado de Filologia Românica, Heliseu da Motta e Silva, prepara-se para receber, aos 71 anos, uma homenagem por sua carreira. Entre o lento despertar que abre o texto – "Acordou de um sono difícil" – e a conclusão – "Meteu o papel no bolso, satisfeito, e correu uma última vez para o espelho, demorando-se um segundo mais. Estou bem" –, o professor passa a limpo sua vida, enquanto imagina o discurso que deverá fazer.

O nome do personagem é revelador: Heliseu, grafia arcaizante, perfeita para a opção que definiu sua atividade docente: "cinco anos antes, ninguém queria dar aulas de Filologia Românica, aquela excrescência curricular". Aliás, o professor de História, típico revolucionário de plantão, também possui um nome que o leitor, ao decifrar, não pode deixar de sorrir: João Veris.

A cronologia é esclarecedora. No final dos anos 70, momento em que a teoria passou a dominar os departamentos de Letras, Heliseu esboçou um autorretrato intelectual evocando sintomaticamente um verso de

Carlos Drummond de Andrade: "eu sou da velha e boa filologia românica e ramos derivados, eu penetro surdamente no reino das palavras, a sólida gramática histórica, o texto concreto no papel e no pergaminho".

No auge da influência da disciplina Teoria da Literatura, com o advento do estruturalismo e a crença na produção de conhecimento objetivo, quase científico, Drummond publicou, no *Jornal do Brasil*, em 12 de abril de 1974, um poema-protesto, provocadoramente intitulado *Exorcismo*: "Da semia / Do sema, do semema, do semantema / Do lexema / Do clasema, do mema, do sentema / Libera nos, Domine (...)". Em outras passagens do romance, versos de Drummond surgem em meio às frases.

O texto é atravessado por um olhar deliberadamente anacrônico, imagem do comportamento do professor Heliseu, muito menos interessado nas questões políticas do momento da abertura do que nas transformações multisseculares da língua portuguesa, com destaque para a "queda das consoantes intervocálicas, ocorrida entre o século X e século XI, na região onde se fundaria lá, por 1096, o Condado Portucalense, de onde vieram Portugal, Brasil e tudo deu no que deu". Por isso, inúmeros exemplos do português antigo são recordados pelo professor, num instigante procedimento, que associa a história distante do idioma com a reflexão do professor sobre seu passado. Esse é um dos níveis do romance, que ope-

ra o efeito musical de um baixo contínuo. Dois outros planos se destacam.

O relacionamento malogrado com as duas mulheres de sua vida: Mônica e Thérèse. A primeira desenvolve uma relação, digamos muito especial, com uma colega de curso de inglês, Úrsula. A segunda o abandona ao engravidar de outro homem. De igual modo, e eis o veio subterrâneo da narrativa, a complexa história de um inesperado eterno retorno condiciona a memória do professor.

Exatamente como o narrador proustiano, o menino Heliseu somente conciliava o sono com a presença protetora da mãe. De igual modo, Mônica reproduziu o gesto com o filho do casal: "foi mais uma vez ao quarto para abraçá-lo, beijá-lo e abraçá-lo de novo e beijá-lo". Repetição tornada forma, como se percebe.

A reiteração mais inquietante consiste na concretização de uma metáfora: "eu, a sonhar, caía interminavelmente". Sua mãe "morreu pouco tempo depois, de uma queda prolongada na escada". O menino Heliseu acreditava na culpa do pai. Décadas mais tarde, Mônica sofreu queda semelhante da varanda do apartamento do casal. De igual modo, seu filho, Eduardo, responsabilizou o pai.

A relação de Heliseu com o filho é outra forma de queda, tornada abismo "quando ele abriu a porta do quarto do filho, há 25 anos, e encontrou-o com o colega". Distância idêntica separou Heliseu de seu pai.